



A BORBOLETA.

PERIODICO MISCELANICO.

Util, bella, e agradável,
A borboleta hade ser,
Os seus leitores verão,
Si olhos tiverem para vêr.

Domingo 15 de Setembro de 1844.



Publica-se quatro vezes no mez na Typographia de J. E. S. Cabral, rua do Hospicio n.º 66. Subscreve-se a 700 rs. mensaes, 2\$000 rs. por trimestre, e 4\$000 rs. por 6 mezes, nas casas dos Snrs. A. F. Guimarães rua do Sabão n.º 26, e Sabatier, Ouvidor n.º 31. Numero avulso 200 rs.

SCIENCIAS SOCIAES.

(Continuação do artigo antecedente).

Alguns annos depois, á cabeceira do velho fraco, e abatido, se achava um combatente de Junho, um accusado de Abril.

O que fizesstes para prescrutar o destino? perguntava este: tudo se cumpriu como dissestes.

— Que dirias tu, meu filho, respondeu o velho apertando-lhe a mão, que dirias tu, vendo um architecto querer começar a construcção de um edificio pela cupola? Dirias que este edificio cahiria, como deve cair toda a obra sem fundamento.

Quando vi que começaveis vossa obra de cima, sem vos inquietar do que se passava em baixo, comparei-vos

a este architecto insensato, e previ que vossa obra cahiria, e pisaria aquelles que trabalhavam.

— Que é necessario faser?..

A esta pergunta, as lagrimas cahiram dos olhos do velho. Estas lagrimas voluntarias queriam diser: «Vós me perguntais agora, quando já milhares de homens pereceram no campo da batalha, quando estou perto do tumulo.

No entanto reanimou suas forças, e respondeu com o entusiasmo da mocidade.

E' preciso organizar *uma commum modelo.*

— Uma commum modelo! repetiu o jacobino, o soldado do imperio, o heroe de Julho, o combatente de Junho, o condemnado de Abril. Peço-vos a resolução do problema de li-

berdade geral; da regeneração do mundo, e vos me fallais de uma commum!

Sim, meu filho, d'uma commum. A commum, é a base, e a pedra fundamental do edificio social. Escutai-me.

Vós amais ao Povo, compartis sua dor, arriscais vossos dias pelo seu engrandecimento, para o tornar livre e feliz; para attingir a este fim glorioso, pedis para elle o *sufragio universal*. Que vale o sufragio a um homem que morre á fome? julgais que aquelle que mata seu irmão para arrancar um pedaço de pão, não cederá seu voto para salvar sua mãe enferma, ou seus filhos que choram?

Que uso quereis que faça destes sufragios, o homem a quem a sociedade recusou instrucção, que ella tem desmoralizado por trabalhos repugnantes, por torturas de hoje, e receios de amanhã?

Antes de tudo, assegurai a cada um o trabalho, a subsistencia, a instrucção, e então achareis, nos corpos independentes, almas nobres e intelligentes, capazes de darem seu parecer sobre os homens e sobre as cousas.

Quereis tornar o povo livre, fasei que elle cesse de ser escravo da miseria, victima de trabalhos repugnantes; contemplai o desgraçado que por um modico salario trabalha como um forçado, atado á charrua n'um lugar deserto sombrio e doentio, ali passa seus dias sua vida. Homem-maquina, não pensa; seu corpo se sustenta, seu coração se endurece, seus espiritos morrem, o sol não brilha para elle, não é para elle que se ri a primavera; escravo de todos os seus movimentos é preciso que renuncie a amisade, o amor, a nobre ambição:

os gosos do mundo material e do mundo moral, para elle estão mortos.

Lançai um golpe de vista sobre as communs de hoje; contemplai estas cem familias divididas, occupando casas improprias, cultivando campos retalhados, separados por limites, espinharaes, vallados, fossos, cercas, barreiras, deffendidas por cães, ou espingardas, Examinaei esta lucta encarniçada, onde a porfia uns prejudicam os outros, observai esta guerra infame de concurrencia, que vive da mentira, da velhacada, do falimento e bancarrota. Que de trabalho para produzir pouco, ou nada: tudo é inveja, odio e discordia, nada existe conciliado, combinado e harmonisado; tudo está em contradicção com o sistema unitario da natureza, nada é digno do homem, nada é digno de Deos.

Mas esta commum modelo, esta commum organisada segundo a lei da opposição, verias reinar abundancia, a paz, o amor, o enthusiasmo e harmonia,

Associai cem familias de fortunas desiguaes, de caracteres oppostos, de todas as edades; com pensamentos e gostos differentes; cercai uma legua quadrada de terreno, como si elle pertencesse a um só homem, e logo pela lei da attração, os grupos se ligarão, a commum se tornará rica e poderosa, e os habitantes ricos e felizes.

Cem cabanas miseraveis se transformarão em um só palacio magnifico aonde a arte combinando a economia com o luxo, saberá juntar o bello ao util. Em lugar de cem cusinhas miseraveis, cem cavas humidas, cem celeiros pobres; haverá uma só grande cusinha, uma cava, e um celeiro.

Estes limites, estes espinheraes, estes foços estas cercas, barreiras de-saparecerão; os terrenos serão tractados com grande zelo e saber. A arte ajudará a natureza, a abundancia recompensará o trabalho devido ao gosto.

Sim, o trabalho se tornará aprisivel. O trabalho é um supplicio, por que é forçado, monotono e dispresivel; porém fasei que o trabalhador em lugar de ser assalariado, seja associado, trabalhará por si mesmo deixai-o escolher entre mil occupações diversas de que a commum tem necessidade, elle trabalhará em grupó ao lado d'aquelles que seu coração escolheo, promette-lhe de variar suas occupações, de passar da cultura ás officinas, do trabalho manual ao trabalho intellectual. Arredai todos os obstaculos, deixai obrar a *attracção* ella governa tãobem o mundo das paixões, como o mundo material, ella sabe obter pela liga do amor e do gosto, o que a sociedade de hoje não sabe obter pela necessidade e temor

O trabalhador da commum poderá mostrar com orgulho seus magnificos edificios, seos campos ferteis, seus bosques risonhos, suas officinas elegantes seus rebanhos numerosos, seus musêos, seus archivos, suas bibliotecas, e poder diser, sem mentira *esta commum é minha, este castello é meu*. Dirá a verdade, por que não he assalariado, mas associado. A commum é obra sua, tem deposto em seu seio o thesouro de seu nobre trabalho.

Ahi não haverá nem pobres sem nutrição, nem velhos sem apoio, nem enfermos sem socorros, nem filhos sem familias. A mulher, livre das primeiras necessidades, não será forçada

a vender sua honra para salvar sua misera existencia. A commum será rica e poderosa, seus habitantes fortes, generosos, e intelligentes; tudo será alegria e praser, e estes milagres serão obtidos unicamente pela attracção, e jogo das paixões harmonisadas, fogo do enthusiasmo, economia dos recursos concentração de exforços.

Ao lado de uma commum verdadeiramente rica e feliz, se formarão outras communs; a terra se cobrirá de cidades encantadoras; esta terra de miserias, de enfermidades, de crimes, de revoltas, de guerra e de anarchia, se transformará em paraíso de abundancia, onde reinará a saúde, a paz, o amor, o enthusiasmo, a harmonia. O globo será conquistado pela unidade.

Porém a abundancia, a paz, a harmonia, é insufficiente a vossas almas ardentes de uma nobre ambição; é preciso combates gloriosos, conquistas gigantescas. . . .

Trocai vossas armas improductivas em armas industriosas! Armas que dão a morte, transformai-as em armas de vida, o ferro destruidor em instrumento de trabalho. Ide combater os desertos de Africa, os gelos da Siberia, as arêas da Tartaria. Adoptai os calores do meio-dia, os gelos do norte, regai as arêas aridas, dai vida ás planices incultas, explorai as montanhas, penetrai as entranhas da terra, animai as praias do mar. Os barbaros que tem horror a vossos trabalhos mesquinhos e repugnantes, vendo vossos feitos milagrosos, vos tomarão por seres superiores, correrão a se associar a vossos triumphos pacificos. Deos vos deu a terra para governar. A's armas! correi á conquista do globo! Reine a industria.

O velho queria fallar ainda da crea-

ção do destino, da immortalidade da alma, da sabedoria e justiça de Deos; mas as forças lhe faltaram. O calor da narração abateu seu corpo fraco.

Ao contrario, o homem que o escutava se encorajava, alcançava novas forças; seus olhos brilhavam, seu coração batia. Um novo mundo se abriu a sua imaginação inflammada. Já não era senhor de seus sentimentos, levantou-se, correu a buscar seus irmãos, seus amigos, para lhes faser ouvir as palavras da verdade, as predicções do futuro.

A' sua voz a multidão corre ao leito do velho. Fourier não existia. . . . Mas tinha legado ao mundo o seu *immortal tratado de associação*.



O VESTIDO DE CHITA.

ROMANCE.

I.

A VIAGEM.

Pae! . . . quão doce é este nome! . . . eu tinha quatorze annos e já não o possuia. . . . n'uma tão tenra idade já me faltava aquelle que unico me poderia dirigir na carreira da vida! ainda tão moço, e baldo de seus conselhos ficava! . . . quem encaminharia meus passos n'este dèdalo de males, no labirintho do mundo? Oh quanto não me foi sensível sua perda! quantas lagrimas e suspiros não me arrancou esta desgraça! . . . ainda hoje sua lembrança me pesa sobre o coração como uma barra de ferro! . . .

Cumulo foi de males que á minha orphandade e afflicção sobreveio terri-

vel molestia, que certamente a não serem os cuidados de uma carinhosa Mãe, e a boa medicina que me foi applicada, hoje estaria habitante do tumulo. N'um padecer continuo sem me poder erguer de um leito de dores, tal meu estado até que, graças á Providencia! o mal abrandou, e fraco e abatido eu luctava com negra melancolia.

Minha convalescença era longa, e serios cuidados se tornavam necessarios para meu completo restabelecimento. Distracção era a melhor cura de minha presente molestia; eu fasia todos os esforços para poder obtê-la, porém eram baldados meus intentos; uma idéa me dominava, e ella só occupava meu pensamento: apenas pretendia distrahir-me, a saudade de meu Pae vinha arrancar-me toda a alegria, e despedaçava-me o coração.

Aconselharam-me os medicos o campo, e designaram-me para isto a Cidade de Nicteroy. Pareceu-me que o ar livre e embalsamado, a contemplação da Natureza, o isolamento do borborinho da Córte, tudo me seria util, e concorreria a minorar meus males. Dispuz-me a partir, e preparei minha pequena bagagem, não sem muita hesitação, pois que nova dôr ia soffrer: a separação do que ainda me restava no mundo: eu ia longe de minha familia. . . . deixava minha unica esperança. . . separava-me de minha Mãe! . . Tres veses ella abraçou-me, e outras tantas uma força occulta a impelliu a tornar-me a tomar entre seus braços! . . Mil benções dos Céos implorava que recahissem sobre mim, e saudosa apertando-me estreitamente, e banhando meu rosto de copioso pranto, incessantes preces elevava ao Altissimo para minha saude restabelecer-se em breve, e

tornar-se menos longa minha separação; unico consolo que lhe minorava esta dôr. . .

■ Doloroso era partir! Forçoso era deixa-la! . . .

II.

O ENCONTRO.

Era uma fresca tarde de Verão, já estava o Sol a concluir seu giro, e os penetrantes raios, que d'elle partem, pouco a pouco iam perdendo seu fulgor; eu triste e melancolico, acompanhado por dous amigos caminhando pela rua Fresca dirigia-me á ponte das barcas.

Já a pequena sineta, que serve de chamada aos passageiros, tinha soado a terceira vez, e fasia-me vêr a hora da partida: cheio de lagrimas abraço meus companheiros, e penetrado de inexplicavel dôr entro na Barca, e lançando uma ultima vista de despedida á bella Côrte, aonde antes tanto folgava, fui sentar-me no mais recondito lugar, lá bem perto do leme.

Já o desprendido cabo e a solta Barca feria o mar, fasendo a volta de sua prôa para o lado opposto, e eu ainda tinha os olhos cravados nos lugares que deixava. . . .

Como o vento, que veloz soprando comsigo arrasta todos os objectos que se acham no terriplano, assim ella cortando as ondas que com impeto se arremeçavam sobre suas rodas, corria ligeiramente; e ao passo que se ia afastando de terra, tãobem se occultavam ás minhas vistas aquelles lugares, que bastante veses me offereceram agradaveis passeios. Expressão triste marcava meu rosto, e eu não podia occultar a dôr, que me possuia com

a recordação do passado. Absorto n'uma especie de meditação me achava, quando grossa voz veio despertar-me, e sahindo do abatimento, em que estava, reconheci que tinhamos tocado terra. A Barca estava atracada e eu desembarquei após o tumulto dos passageiros: em descida á ponte fiquei em frente d'ella, contemplando os lindos objectos, que se apresentavam a meus olhos.

Era vespera de dia Sancto. O mar mansamente balouçando, parecia brincar com as ondas: os pequenos bateis, que n'ella fluctuavam carregados de immensas familias, que gostosas vinham, para mais alegres passarem n'este aprasivel lugar; as bellas que á braços dados crusavam em passeio a extensa margem d'esta Praia; umas, que ao limiar de suas portas anciosas esperavam por suas amigas; e outras que cheias de alegria iam ao seu encontro no desembarque; certamente não deixavam de offerecer um brilhante quadro ás vistas pesquisadoras do apreciador.

Tudo eu contemplava, e lento a lento caminhando, dirigia meus passos pela rua da Praia, quando ao voltar para uma outra encontrei Eduardo, aquelle a quem eu ia recommendado, e em cuja casa pretendia passar alguns dias de distracção e socego. Antigo amigo de meu pai, e com elle relacionado desde a infancia, não podia Eduardo deixar de supprir-me a sua falta durante o tempo que estivesse debaixo da sua vigilancia. Este encontro foi-lhe de uma surpresa incomprehen-sivel, pois que elle só me esperava no outro dia. Apesar de que me vira unicamente em tenra idade, encarando minhas feições não deixou de reconhecer-me, e foi o primeiro a fallar-me.

Eduardo ainda não contava quarenta annos de existencia ; era homem de muita circumspecção, e dotado de fino discernimento. Honradez, firmesa de character, e odio a todo o genero de vicios, eram as suas principaes qualidades. Elle não gostava de bailes, companhias e reuniões ; porém não aborrecia os homens ; era virtuoso. Não sendo como muitos que affectam grande amisade na apparencia por meio de zumbaias e offerecimentos, Eduardo á primeira vista parecia desagradavel, e muitas vezes grosseiro pelo modo secco com que recebia a todas as pessoas. Pela experiencia que tinha adquirido no mundo, e observações que conseguira fazer, havia elle conhecido que o commum dos homens, que apresentam maneiras muito affaveis, e demonstram grande sensibilidade, nada mais faz do que patentear uma refinada falsidade e exaggeração: para não imita-los cabia no extremo opposto, e muitas vezes parecia faltar ás leis da urbanidade, e sua franquesa se tomaria por grosseria e malicia.

Seu modo de tractar-me, a principio, causou-me certa emoção particular ; porém ao depois entrando no intimo conhecimento de sua alma, convenci-me do contrario, e reconheci as bellas qualidades que adornavam este generoso homem.

Tomando-me pelo braço, e não me tocando em nada ácerca de meus infortunios, conduziu-me a sua casa, aonde cheguei, mais consolado por ter encontrado um bom companheiro para as minhas distracções e que me tornaria menos penosa a saudade que sofria.

(Continuar-se-ha).



HISTORIA DA PINCTURA.

1.º ARTIGO.

Giovanni Cimabue.

A pinctura, esta arte sublime cuja origem foi o amor, como em quasi todas as grandes descobertas da humanidade, n'esses tempos, que já vão longe, em que o egoismo não tinha ainda sugeitado a seu freio positivo as mais nobres faculdades do homem: a pinctura parecia haver naufragado em sua longa viagem, e se anniquilando como o imperio de Roma a invasão dos barbaros tinha sido para ella, o que é para a soberba Náó o furacão horrivel, que vélas e mastros lhe despedaça. Seculos appareceram, e sepultaram-se na perpetua eternidade, sem que raiasse um dia de serenidade para a triste que soluçava nas vascas da morte, arrastada pela torrente destruidora de um máo gosto. Mas, como a phenix renascida das proprias cinzas, a pinctura devia brotar um filho dos restos dos ultimos pinctores, e com as guerras civis do 13º. seculo, no meio dos mesmos desastres que tinham assignalado a sua morte, sua ressurreição se effectuou. Pertence a Cimabué a gloria de haver sido o restaurador da pinctura, foi elle quem achou os fundamentos do edificio arruinado de que Apelle, e Parrasio tinham sido os mais firmes baluartes entre os povos das Antiguidades.

Cimabué, descendente de uma das mais nobres familias de Florença, ahi nasceo no anno de 1240. Em tenra idade lhe fizeram principiar alguns estudos de que pouco aproveitou, uma inclinação irresistivel o arrastava ex-

clusivamente para a pintura. Era-lhe preciso sem duvida uma vocação absolutamente sancta, e uma grande firmeza de character, para conseguir que seus parentes consentissem, que elle se misturasse como aprendiz, com os miseraveis artistas d'esse tempo.

Segundo a vida dos pintores de Vasari, eram elles Gregos que tinham sido chamados a Florença por aquelles que governavam a cidade, e dos quaes toda a habilidade consistia em colorir mosaicos grosseiros, vidros de igreja, e miniaturas dos livros sanctos; eis o estado miseravel em que se achava a pintura; a esculptura estava um pouco mais adiantada, mas ainda era muito incorrecta para que Cimabue n'ella podesse encontrar modelos. Foi-lhe preciso pois contentar-se com as licções de seus mestres, suas obras, e alguns restos de mosaicos gregos e romanos escapados á injuria das revoluções e do tempo. Quando se pensa n'estes tristes recursos, e se contempla os quadros d'este grande homem, é força confessar que elle fez pela pintura o que Deos fez pelo mundo; tirou-a do chaos.

Nas obras dos artistas gregos, que foram os mestres de Cimabue, vê-se que elles não procuravam de nenhum modo imitar a natureza humana, seu colorido e seu desenho eram cousas de pura convenção. Cimabue seguiu as suas tradições em seus primeiros annos; mas em pouco tempo seu genio teve força bastante para abrir uma nova estrada. Elle principiou a consultar e copiar a natureza; corrigiu em parte o máo gosto do desenho, curvou as linhas rectas, animou as cabeças, dobrou as roupagens, e grupou as figuras com muito mais arte que os Gregos.

O sincero e piedoso enthusiasmo dos

habitantes de Florença o animou por todos os modos, desde as primeiras obras que pinctou sob estes novos principios. Suas Madonnas e seus frescos em pouco tempo se tornaram celebres, a pinctura grega foi abandonada, e em todas as cidades da Toscana novos artistas se lançaram na carreira que elle acabava de abrir.

A vida privada de Cimabue é muito ignorada, bem como é muito incerto si todas as obras que se lhe attribuem são effectivamente suas. Elle habitava em uma casa retirada, n'uma aldêa de Florença, e foi n'ella que pinctou quasi todos os seus quadros. Um dos principaes, que se acha no Museu do Louvre, e representa a Virgem e o menino Jesus entre anjos, é notavel, não só como obra artistica, mas tambem como monumento historico. Eis-aqui de que maneira o descreve Mr. Charles Lafont.

Acompanhada de seis anjos simetricamente collocados dos lados, a Virgem sentada n'uma cadeira, ou si quiserem, sobre um throno, tem em seus joelhos o Menino Jesus: segundo o uso do tempo, o fundo é de ouro, e a moldura faz parte da pintura. Diversos ornatos impressos e coloridos acompanham vinte e seis medalhões que offerecem a imagem dos Apostolos e alguns Escolhidos. O estilo é nobre e severo, as roupagens tem magestade, o colorido vigor e harmonia, e achase já no todo da obra a grande maneira d'essa illustre escola Florentina, que devia produzir Michel-Angelo, Leonardo da Vinci, Cigoli, Bronzino, Benvenuti, e outros.

A anecdota que Vasari conta a respeito d'este quadro, dá bem a conhecer com que sagacidade os compatriotas de Cimabue comprehenderam a que

ponto elle era superior aos pinctores do seu tempo, e como por diversas honras se esforçaram por inflammam o seu genio.

Carlos d'Anjou, rei da Sicilia e irmão de S. Luiz, tendo sido nomeado lugar-tenente general do imperio na Italia, veio a Florença para sustentar o partido dos Guelfos contra os Guibelinos da Toscana. A maior honra que os magistrados da republica julgaram poder faser-lhe, a mais bella festa que julgaram poder dar-lhe, foi conduzi-lo á casa de Cimabue, situada fóra da porta S. Pedro. O quadro de que acabamos de fallar não estava ainda acabado; porém a novidade do espectáculo, a proporção gigantesca da Virgem, proporção até então desusada, o melhoramento do desenho, que se afastava tanto do dos Gregos, arrebataram todos os espiritos. O irmão de S. Luiz, muito menos entusiasta que o povo entre que se achava, manifestou comtudo sua satisfação ao artista com muita cortesia e bastante generosidade; a festa foi tão alegre e brilhante, e o concurso dos espectadores tão numeroso, que se chamou ao bairro onde se achava a casa de Cimabue *Borgo Alegro*, nome que se lhe tem conservado, mesmo depois que faz parte do recinto da cidade. Os Florentinos não limitaram seus elogios a simples demonstrações de alegria: quando Cimabue acabou o quadro vieram toma-lo com grande cerimonia, e o levaram ao som de instrumentos á capella que lhe era destinada, e recompensaram nobremente o seu auctor.

Só o povo sabe dar aos grandes artistas recompensas dignas d'elles, e é preciso faser esta justiça á Italia, que é de todas as nações a que se tem mostrado menos ingrata para

com os homens illustres de que tem sido a mãe; seu povo entusiasta, e espirituoso bateu palmas perante os primores d'arte de Raphael, do Dominiquino, e de Canova, como perante os ensaios de Cimabue, e ainda hoje a sua paixão pelas artes não se tem extinguido.

Cimabue, como todos os pinctores da época da renascença, é sobre tudo superior nas pinturas a fresco, e as da Igreja de S. Francisco de Assis unicamente podem dar uma idéa completa do seu estilo, e de seu talento. As pinturas da abobada são ainda mais bellas. Ellas se acham mesmo hoje n'uma classe muito honrosa. Ha, segundo disem, nas figuras dos Doutores e dos Evangelistas que, sentados em suas cadeiras, instruem os religiosos de S. Francisco, uma originalidade d'imaginação, e de composição, e um vigor de colorido, que só os pinctores do seculo 16º puderam exceder. Aquelle que escreve estas linhas não pôde ainda julgar por si mesmo, si estes elogios são, ou não exagerados; elle crê entretanto que Cimabue deve ser muito mais estimado pelo impulso immenso que deu á arte, que pelas suas mesmas obras. Foi elle quem lançou os alicerces do edificio, que outros foram encarregados de levantar.

O talento de Cimabue não era proprio para os sujeitos graciosos. Suas Madonnas não tem belleza, e todos os seus anjos, n'um mesmo quadro, são perfeitamente semelhantes. Severo como o seculo em que viveu, elle primava sobretudo em cabeças de homens de caracter austero, e principalmente nas de velhos para as quaes achou um typo forte, e sublime, que todos os seus successores tem imitado. Engenhoso e vasto em suas concep-

ções, elle deu o exemplo das grandes composições historicas, e dos frescos immensos que tem feito a gloria das escolas da Italia.

Elle morreu pelos fins do seculo 13º: as circumstancias da sua morte são ignoradas como os detalhes de sua vida; mas quando seus olhos se cerraram para sempre ás bellas da natureza, a revolução que elle tinha começado se havia tornado universal a bandeira que elle tinha arvorado era a seguida por todos os artistas, a arvore que elle tinha plantado principiava a brotar nobres fructos. Estas reflexoes devêrão fase-lo descer tranquillamente ao jazigo dos finados.

Cimabue deixou numerosos discipulos. Giotto foi de todos o mais celebre.



ORDEM DO DIA.

Disem os más lingoas que o cabo da ponte do Diario do Rio é um pretendente, que ambiciona empolgar lugar alheo, e que por isso tem feito tanta asafama; outros porém, e estes sao os verdadeiros, asseguram que o homem anda espianando, gasta dinheiro, perde o tempo, quebra a cabeça, e borra papel só por amor do bem publico, e para felicidade da Nação: feliz povo; guapa gente! Não sei porém como os nossos negocios vão de mal a peor, havendo tantos *honrados patriotas*; parece que ao contrario os males do paiz crescem na rasão directa do apparecimento dos taes desinteressados, que fasem tudo por amor da patria!... Mas que maldita voz me atrapalha? é um leitor de Bocage que

altisonante brada « procurador não me enganas, tu procuras para ti. » E que tal? nem que o tal Snr. Bocage ou o meu visinho, que é meio poeta adevinhasse qual era a materia da ordem do dia.



RIO DE JANEIRO.

QUAL É A MODA?

Não penseis, amigo Leitor, que eu vou tractar *d'esta soberana*, que em todos os seculos tem estendido seus dominios aos habitos, costumes, e sciencias; que prove que util pode ser nociva sendo; nada; que nem d'isso tracto agora, nem pensar quero; pois que a vóntade do cidadão sendo livre, licito é a cada patriota dar por páos e por pedras, escrever o que lhe vier a cachola, diser as asneiras que bem lhe parecer, e impingir ao povo quanta letra, treta, peta, chapa, atraca, lista, vista, risca, quiser o trovista, ou tenha o poeta; com tanto que fique-se conhecido, e o Respeitavel agradecido p'ra seu representante, escolha o tractante que n'elle se arrima, e ao depois cospe-lhe em cima; que ou não me metto em camisas de onze varas, nem quero mecher com escrivães.

Nada; não fallarei nas casacas largas por que por causa das muitas larguesas chegam a occultar os donos até do proprio alfaiate, que as fez, e logista que vendeu o panno: não tocarei tãobem nas estreitas porque trassem os rapases em tal aperto que nem podem sahir a rua sem algum incommodo, e ficam prohibidos de embarcar por encontrarem a barra estreitada com o escaler da policia. Si d'ellas fallasse,

diria alguma cousa quanto aos coletes a Bonaparte, por que hoje qualquer cabo de esquadra blasona de general, e quer ser Napoleão (embora seja em desgraça) ainda que para isso leve toda a vida a inchar as bochechas.

Nem palavra direi da nova moda chamada do inspector, vós a conheceis perfeitamente; a custa de muita perseverança conseguiu o pacificador dos publichousses, o terror dos Ingleses, o *heroe do becco*, introduzir a sua querida mas já esquecida ganga: sim, Leitores, hoje todos imitam o representante do seculo passado no nosso paiz, e já não ha rapaz do tom que não tenha suas calsas de ganga amarella (cedo virão os calções) feitas no Perrory, onde pagaram 5000 rs. de feitio ou deram 7000 rs. por uma já feita, só para terem o gosto de ver a madama. Agora sim vereis os morros do Castello e S. Antonio virem abaixo sem ser mister a tal associação, nem o plano que morreu, ou dorme no Senado. nas nossos camaras morrem tantos planos. . . do cidadão, do magistrado, do ministro, e deputado. . . Para que despesas, trabalhos, e maquinas, si a rapasiada só é capaz de dar gasto ao barro e levar ao cabo a empresa? Até a bem vinda moda pouco se gastava com os tijollos; mas depois d'ella tendo, como faziam nossos avós, de lavarem-se as taes calsinhas em agoa de barro para conservarem a côr, em breve tempo estarão arrasados os nossos morros, e talvez tenhamos de mandar vir terra da Estranja, assim como nos vem outras cousas que entre nós abundam. Valha-nos isso para vermos si assim esta nossa cidade, livre d'esses entraves, fica mais ventilada, e saudavel, com menos lamas nas ruas,

mais limpesa nas praças, e menos enchame de guardas, que tanto se occupam com as suas obrigações como pouco chucham do povo. E esta? eu a fallar na moda, e indo com ella: não quero, não aceito, não me nomeem; mas o povo quiz. . . . Não pretendia fallar de tantas cousas, mas a penna escreveu. . . . e é para bem do povo. . . . Lá vou ao principal da peça: foi moda no outro tempo as casas de cambio; bemditas chapinhas, bellos chanchans; quem sabe aonde se fabricavam! . . . vieram depois os belchiôres; estes metamorphosearam-se em charuteiros, casas de commissões, e loja de fazendas: hoje tudo é armarinhos, bijouterias, casas de pasto, e loterias; e até vendas dão merendas ás Senhorias; de forma que as tavernas todas se transformaram com a fama dos vigesimos, e não pagam mais direito da cachaça, que dão de graça ao negrinho, que furta o vintem p'ra comprar bilhete com seu mil e cem. O lucro é muito pequeno; o negocio é muito licito; 20 por cento! e arma-se a casa; pagam-se caixeiros, direitos de porta aberta, impressão, papel etc.: para um bom entendedor, o preto furta ao Senhor, tanto bilhete sahe branco, mas o homem do tamanco passa logo a ter botim, e no Jornal a Sorte Grande, diz elle ao povo, comprar-lhe mande: casa da fama, casa da fé e outras todas que val ou è? gorda pitança, que vale mais, que a vereança, ou Juiz de Paz: salvo si temos cera da terra que faz a zanga da Inglesa terra, e desempedida mil bens encerra. Basta por hoje, diz-me o leitor; ja é massada, e o Senhor não disse nada: eu lhe respondo, estou compondo, espere amigo, sou inspector, oiça o que digo:

hade escutar, hade aturar-me sem resmungar; tem que soffrer, e assignar-me lista sem ler.

— — — — —
Bem diz Frei Thomaz,
Si bem o prega,
Melhor o faz.

Os trovistas, grita d'ali um, são gente, que não tendo que faser, mette-se lhe nos cascos escrever para o publico, e ei-los atroando tudo; e os rabiscadores, brada d'ali outro, fallando a torto, e a direito, no mar, e na terra, na paz e na guerra, querem passar por homens de talentos: grulhas, que são todos elles! e os taes consoanteiros, e prosadores! esses são peste, que não se pode aturar: tem metros, petros, rotundos, mundos, ousadia, Thalia, dermas, palermas... ta... ta... ta... Sancto breve da marca! Basta; basta pelo amor de Deus. E v. m. diga-me, é prosador, versista, consoanteiro, rabiscador, mestre de escola, pregador ou a que classe de bicho, insecto, ou animal pertence? v. m. não incommoda o publico, não quer ser conhecido, e até nem pede paga do sermão, que ninguem lhe encommendou. v. m. só quer talvez ter o gostinho de fallar de cadeira, e dar sua carolada de vez em quando, visto que a palmatoria perdeu a voga... É verdade, lembrou-me agora: os escrevinhadores são outra cousa; v. m. é muito differente; elles escrevem por interesse, mania, ou faser fallar de si, e sua pessoa; só por amor do povo para a felicidade do paiz, sem mira nenhuma; aquelles incommodam com pessimos escriptos, cousas sedições, pa-

lavras chulas etc.; em quanto que sua carapuça brota *philantropias*; seu estilo serve a melhorar a linguagem, suas palavras são alambicadas; em fim

E' bom e sublime,
Sem vicio conter,
Sem conter crime.

— — — — —
A MUSICA DO PASSEIO PUBLICO.

Tem sido encantador o espectáculo que nos domingos passados tem apresentado o Passeio publico. Um concurso immenso de pessoas de ambos os sexos ahi tem affluido para gosar do praser da musica: e certamente todos voltam satisfeitos e pesarosos de tão curta lhe parecer a tarde. No meio porém de tudo isso, não devemos omitir algumas reflexões sobre estes objectos, que tanto importam á commodidade publica, e cuja falta tanto tem sido sentida.

Queremos fallar da falta d'agoa. Certamente, a não ser algum descuido da parte de quem quer que seja, não podemos atinar com o motivo d'essa (permitta-se que o digamos), deshumanidade. Falta d'agoa n'um jardim publico!... e em occasiao de ahi se achar uma multidão de pessoas de todas as edades!... Oh! é mais que incuria! Pais extremosos vimos nós que sahiam a pedir pelas casas da visinhança uma gota de agoa com que mitigassem a sêde de seus innocentes filhinhos! e isto depois de levarem o logro de subirem ao terraço, e acharem o — Sou util inda brincando — com o seu immortal Kagado de guella tão secca, como as fauces dos Jacarés! Si nossas deveis voses podessem chegar até quem sobre

tal objecto pôde providenciar, nós lhe pediríamos: — Senhor, mandai abrir o registo d'esse encanamento que para ali conduz, ao menos n'esses dias em que tanto povo vai gosar do praser de um jardim, da vista do mar, e do encanto da musica! —

Outra reflexão faremos sobre objecto de não menos ponderação. Fallamos da entrada de pessoas indecentemente trajadas, e de escravos. Isto é escandaloso! Ergueríamos pois a nossa voz, e bradaríamos a quem está incumbido da policia d'esse lugar: — Senhores, tende mais alguma consideração para com essas familias que ali vão passear; não consintais ali pessoas para quem não ha palavras, por menos decentes que sejam, que não devam ser proferidas em alta voz; cujas conversas pouco tem de moral, e menos de honestas. — Si estas nossas palavras podessem ser ouvidas, e merecessem alguma consideração, por muito felises nos dariamos. E nem se diga que só entram escravos em companhia de seus senhores, ou creanças. Não, nós os temos visto em magotes, sósinhos. Haja pois vigilancia, boa vontade, para esse crescido numero de familias honestas que ali vão passar as tardes aos domingos, que o Passeio Publico será digno da Capital do Imperio do Brasil. — Agoa — e — Policia —.

POST-SCRIPTUM

Estava feito este nosso artigo desde a semana passada, que por affluencia de materia, não pôde sahir no n. 3, quando dirigindo-nos no domingo ultimo ao Passeio ali achamos de que faser-lhe algumas novas reflexoes, que aqui addicionamos de baixo do titulo de P. S.

A falta d'agoa tinha cessado, pois o Kagado lançando n'essa tarde, largos jactos d'ella, via-se atropellado de beijos e dentadas de uma multidão de pessoas que procurando mitigar a sêde que o excessivo calor tanto excitava, não desdenhava, por falta (oh! vergonha!) de um copo ou caneca onde bebessem, pôr-se em attitude tal que tanto tinha de incommoda, quanto de indecente; e tal era a concurrencia que apesar d'isso havia tamina.

Igualmente não deixaremos de referir a especie de logro que levou o *Respeitavel*; pois espalhando-se a noticia de que no domingo antecedente pelas 3 1/2 horas já ali se achavam duas bandas de musica, (a de Permanentes e a da Artilharia,) que durante toda a tarde executaram alternadamente varias quadrilhas, e outras lindas peças; aconteceu que d'esta vez já muita gente havia a essa mesma hora; porém... qual musica!... está na tinta!... Seriam 5 horas quando appareceu uma que nos disseram ser a de Fusileiros; a qual apenas pôde tocar uns 3 ou 4 pedacinhos com longos intervallos, antes de anoitecer; e como muita gente terá achado pouco, e dirá talvez que só serviu para faser-lhes agoa na boca, responder-lhes-hemos com o rião: — mais vale pouco que nada. —

Não podemos deixar de insistir no nosso reparo ao abuso de se franquear a entrada d'aquelle lugar a negros; ainda quando fossem em companhia de seus senhores moços; e quanto peór indo elles sós e de sucia, ocasionando disturbios. Ora devemos notar que assim como a concurrencia de familias tem ido em progresso, a ponto tal que d'esta ultima

vez acanhadissimo era o terraço, e mingoados os assentos, assim tambem tem progredido o abuso de que fallamos.

Voltaremos á questão, para reiteirmos as nossas censuras, ou para elogiarmos as providencias que forem dadas



Muitas veses mais depressa se encontra um verdadeiro amigo no ladrão de estrada do que n'aquelle, que vivendo com a capa da honestidade, affecta uma extraordinaria amizade; pois em chegando a occasião da desgraça e perigo, em que podem se comparar os prestimos de ambos, vê-se-ha que aquelle faz conhecer quanto é generoso, e este recua e despreza o seu amigo.

Nenhum homem é destituído de amor proprio, porque ninguem ha que deixe de dar valor ás suas obras.

Não deve ser considerada como prova de amizade a revelação de um segredo, pois quasi sempre isto acontece, ou porque quem o confia teme os resultados funestos, que podem sobrevir-lhe, ou porque confiando-o julga que talvez possa colher uma idéa, que lhe seja proveitosa.



ANECDOTAS.

Um patriota grande administrador, fazendo-se pesar, e dando tantas arrobadas e uma libra, advertiu-lhe al-

guem que talvez a libra fosse o peso da bengalla: vejamos si faz differença, disse o homem, e levantando a bengalla sobre que estava arrimado pô-la no hombro.

Este sujeitinho assemelha-se ao cargueiro que indo montado sobre uma besta levava o milho ás costas para não causar maior peso ao animal.

Conversavam os Snrs. Pretendente logrado; e Furta firmas, e disiam que esta eleição não tinha sido boa: D. Espiritadinha menina, que mette bedelho, e atrapalha todas as conversas acudiu muito apressada disendo «papai olhe quando a licção não sabe boa é por que é *rabiosa*.

Perguntando uma Snr.^a a um *gamenho* se já tinha ouvido a Norma, respondeu este todo se endireitando, não minha Snr.^a, porque ha muito tempo que não piso em scena.

Admirando alguns Fidalgos a vivesa de espirito de Pico de la Mirandola, que então tinha nove annos, um Cardeal velho disse: — quando os rapazes são tão espertos em creanças fazem-se tolos quando são grandes. Pelo que vejo (respondeu o menino) muito esperto foi V. Eminencia em pequeno!

PROVA CERTA DE UM PAIZ CIVILISADO.

Certo escriptor narrando as particu-

laridades de uma viagem : — Já eu teria caminhado quatorze horas, sem ter encontrado vestigio de mortal algum, quando vi com satisfação um homem pendurado a uma forca. Fiquei possuido de uma alegria tal que se torna difficil descrevê-la, pois convenci-me que estava n'um paiz de civilisação. ,,

OS JORNAES.

« Quando eu desembarquei em Cannes, disse Napoleão n'uma conversação em Santa Elena, os jornalistas de Paris inseriram em suas folhas artigos que começavam assim: « *Rebelião de Bonaparte.* » Cinco dias depois: « *O general Bonaparte entrou em Grenoble!* » D'ahi a onze dias: « *Napoleão fez sua entrada em Lyon!* » Finalmente vinte dias depois: « *O Imperador chegou nas Tulherias!* » Vêde depois disso a opinião dos mesmos Jornaes.

Em uma occasião em que salvava um vaso de guerra divertiam-se certos individuos a observarem com um oculo de alcance o clarão produsido pelos tiros: havia-se já concluido a salva, quando um d'elles, pedindo novamente o oculo, disse: — Já que tudo está terminado, eu quero agora vêr quantos tiros houveram.

Achando-se certo doutor n'uma reunião, disse que havendo na sua fazenda muitas arvores de ipê, elle as tinha feito decepar, afim de aproveitar o pão que era muito duro e forte para

construir uns *pilões de pedra* que precisava no seu *monjollo*.



A' ADULAÇÃO. (*)

ASSOITE.

„ Do lobo a vida quão funesta mostra
 „ A Independencia ser! quanto ditosa
 „ A sujeição mantem do Cão a vida!
 „ Emquanto da magresa o typo ostenta
 „ Aquelle, que faminto á propria custa
 „ Dos bosques a buscar saho alimento,
 „ Vêde, submisso o Cão, acorrentado,
 „ Quão nedio, quão robusto, alegre vive!...
 „ Fornece-lhe um senhor estes proveitos,
 „ Porque festa lhe faz, os pés lhe lambe.“

Assim do adulator discorre a mente:
 Vitupera do lobo a liberdade,
 Porque magro o contempla; ao Cão applaude
 Na cega submissão que aos ferros presta!

O Cão porém não obra meditando,
 Raciocinios não faz, quando de rastos
 Por festa as plantas lambe de seu dono;
 Aquelle que o imita, raciocina;
 De proposito lambe, porque agrade;
 Bem que livre nasceu, escravo busca
 Torpissimo praser de ser cachorro.

A Molestia e o Remedio.

CONTO.

Eu conheço uma menina
 Em tudo muito engraçada,

(*) Adulação vem do verbo Latino — Adulor, aris, que significa acção de cão, faser festa lambendo.

Tinha a boca pequenina,
Mui galante e delicada.

Vai um dia á pobre moça
Oh desgraça! aconteceu
Que um bicho, sim, um mosquito
No beicinho lhe mordeu:

A dentada foi tão forte
Que a boquinha logo inchou,
A moça vendo-se fea
De raiva muito chorou.

A' mamae foi se queixar
A molestia lhe mostrou,
Quem teve a culpa não sei,
O mosquito é que levou.

A menina doentinha
Disse soffrer muita dor,
A mamae, e pae afflictos
Mandam chamar o doutor:

Este veio ver a moça
Sancto remedio applicou,
De forma que n'um instante
Depressa o beijo sarou.

O remedio foi mui simples
Não teve máo gosto não,
O doutor mesmo é que fez,
Foi cá certa operação.....

A batalha dada nas margens do Taquari no dia 3 de maio de 1840, é sem duvida um dos mais bellos feitos d'armas do nosso exercito, na desastrosa guerra do Rio Grande do Sul, e cuja acção tanto cobriu de gloria aos bravos que n'ella se empenharam, como ao velho e valente General que a dirigiu.

O Himno que abaixo submettemos

á consideração dos nossos leitores foi composto immediatamente depois do triumpho, no campo da batalha, e ahi mesmo posto em musica. Sentimos não poder reproduzir essa musica eminentemente marcial; cujo effeito era sublime, quando, duas horas depois, o exercito unisono o entoava alegre, retirando-se coberto de louros, e de gloria.

HIMNO

AO DIA 3 DE MAIO DE 1840, NAS
MARGENS DO TAQUARY.

I.

Em vão, Farroupilhas
Previstes victoria,
Pois de Marte a gloria
Ganhámos na acção.

Avancem Legaes!
Viva a gente forte,
Que zomba da morte
C'o as armas na mão.

Pedro Segundo,
Constituição,
Os Legalistas
Sustentarão.

II.

Retumbem nos bosques,
Passo, e Cuxilhas,
Sobre os Farroupilhas
O fatal trovão.

Avancem, Legaes!
Não se dê quartel,
Quebremos o anel
Da revolução.

Pedro Segundo,
Constituição,
Os Legalistas
Sustentarão.

Eis os Clavineiros,
C'o a *negrada* impia,
Que dão garantia
A' vil seducção.

Avancem, Legaes!
Não haja piedade!
Que sobre a iniquidade
E' crime o perdão.

Pedro Segundo,
Constituição,
Os Legalistas
Sustentarão.

Lá vem-se emboscando
Para flanquear-nos,
É interceptar-nos,
Da tropa a união.

Atenção, Legaes!
Fógo sobre os flancos!
Em troncos, barrancos,
Fulmine o vulcão.

Pedro Segundo,
Constituição,
Os Legalistas
Sustentarão.

Ei-los que já voltam,
Fogo á debandada!
Cá fica a *negrada*
Matisando o chão.

Alto, Cassadores!
Qu'inda assaz ligeiros,
Sobre cavalleiros
Correreis em vão.

Pedro Segundo,
Constituição,
Os Legalistas
Sustentarão.

'Stá ganha a victoria.
Viva a Infantaria!
E á Cavallaria
Façamos juncção.

Por entre os cadav'res
Ao Passo voltemos,
E o rio passemos
Folgando d'acção.

Pedro Segundo,
Constituição,
Os Legalistas
Sustentarão.



CHARADA.

Por signo do zodiaco sou tido: — 2
Do homé de uma Farça. adjectivo. — 2

— Conceito.

Meu nome tem-se dado áquelle povo
Que não conheço igual no orgulho altivo.

O enigma do num. 3.º é a letra
— C —. O logogrifho é — Coriolano.
As charadas são: 1.ª Horacio — 2.ª
— Imperador — 3.ª — Espingarda
4.ª — Probo — 5.ª — Inverno.